

ESTRATÉGIA DE REPRODUÇÃO SOCIAL EM ÁREAS PERIURBANAS: os produtores de vinho artesanal em Jundiaí¹

Malimíria Norico Otani²
Nilson Antonio Modesto Arraes³

1 - INTRODUÇÃO

Em algumas aglomerações a melhoria das condições de locomoção e o desenvolvimento dos meios de comunicação facilitaram a escolha de locais mais aprazíveis para se habitar, muitos deles afastados das áreas contíguas urbanizadas. Esta é a situação das regiões metropolitanas e de grandes, e alguns médios, municípios brasileiros.

Nestas regiões e municípios, parte de suas áreas rurais deixaram de ser sinônimo exclusivo da atividade agrícola e compartilham o espaço com a moradia, além de outras atividades econômicas ligadas ao setor de serviços, a exemplo do turismo rural e ecológico, multiplicando as funções do espaço rural. Com a dispersão urbana e a multifuncionalidade rural, estas áreas rurais vêm passando por expressivas mudanças no uso e ocupação do solo, misturando usos tradicionalmente urbanos e rurais, sendo denominada por Arraes e Viegas (2008) como áreas periurbanas.

O município de Jundiaí, situado entre as Regiões Metropolitanas (RMs) de São Paulo e Campinas, é um exemplo emblemático desta realidade. A sua localização geográfica entre dois dos maiores polos econômicos do País, atendida por várias estradas estaduais e interestaduais, torna-se de fácil acesso e as atividades agrícolas sofrem todas as consequências características de áreas periurbanas, dentre elas a pressão por outros usos.

A uva é o principal produto agrícola do município e é plantada por agricultores que culti-

vam pequenas áreas, com predomínio de trabalho familiar. A elaboração do vinho artesanal faz parte da tradição familiar de parte destes produtores, descendentes de italianos.

A viticultura, que possibilitou a consolidação e reprodução social destes produtores por algumas gerações, tem sua rentabilidade decrescente a partir da década de 1980, devido à concorrência com outras frutas e de outras regiões de uva de mesa, e eles passam a procurar alternativas para complementar a renda familiar, dentre elas a comercialização do vinho artesanal, passando à condição de vitivinicultores.

No entanto, além das dificuldades da localização periurbana, a atividade encontra outras restrições para se desenvolver. A principal é a exploração informal, sem registro do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Com o propósito de verificar o potencial dos vitivinicultores artesanais comerciais de Jundiaí em continuar na atividade, o objetivo geral deste trabalho é tipificá-los quanto a suas perspectivas e estratégias de reprodução com vistas a subsidiar ações de promoção do seu desenvolvimento. Os objetivos específicos são: contextualizar, delimitar, caracterizar e tipificar estes vitivinicultores.

Os resultados deste trabalho constituem subsídio para o planejamento de ações de política públicas ou setoriais ajustadas às necessidades de cada tipo de produtor encontrado.

2 - PLURIATIVIDADE DE AGRICULTORES EM ÁREAS PERIURBANAS

Em países de urbanização mais antiga, como na Europa Ocidental, o processo de ocupação do espaço periurbano já passou por várias etapas, desde a resolução de conflitos até a regulamentação do uso e ocupação do solo. Lá a atividade agrícola teve decisivo apoio de políticas públicas no processo de inserção e adaptação às novas regras e valores de práticas de respeito à sustentabilidade ambiental (ABRAMOVAY, 1999).

¹Este artigo faz parte da dissertação de mestrado do primeiro autor, realizado na FEAGRI/UNICAMP, o qual integra o projeto financiado pela FAPESP "Revitalização da Vitivinicultura Paulista: competitividade, governança e sustentabilidade". Registrado no CCTC, IE-13/2010.

²Socióloga, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: maliotani@iea.sp.gov.br).

³Engenheiro Agrícola, Doutor, Professor da Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (e-mail: nilson@feagri.unicamp.br).

Nestes espaços, a atividade agrícola convive com outras formas de uso como lazer, moradia e outras atividades econômicas.

Na França há políticas públicas e organizações locais mobilizadas na defesa da formação de um cinturão verde, incluindo a atividade agrícola como um dos componentes da paisagem, que ajuda a melhorar a qualidade de vida ao mesmo tempo que oferece opções de lazer para a população citadina. Para fazerem frente às novas necessidades dos consumidores com maior consciência ambiental e social, muitos dos agricultores de algumas regiões da França mudaram seus sistemas de produção. Passaram a se dedicar a um grupo menor de produtos e aumentaram a produção usando novas tecnologias que procuram preservar os recursos naturais. A valorização de aspectos como o consumo de alimentos produzidos no local, espaço agradável para se viver, integração de área de lazer e de trabalho têm favorecido a consolidação do espaço periurbano e da atividade agrícola em muitas regiões da Europa (FLEURY, 2005).

Nas grandes cidades brasileiras a expansão das áreas urbanas sobre as áreas rurais dos municípios é um fenômeno ainda relativamente recente. Esta área do entorno rural-urbano, ainda de difícil definição mas de intensa mobilidade, apresenta heterogeneidade significativa no uso e ocupação do solo, com diversidade de segmentos sociais cuja convivência nem sempre pacífica demanda uma regulamentação e atenção especial dos dirigentes municipais. Mas, diferente do que ocorre nos países em processo mais avançado de urbanização, o espaço de transição urbano-rural ainda é pouco valorizado na agenda política das autoridades governamentais.

Vários podem ser os motivos, porém o principal é a correlação desigual de forças entre os atores sociais que disputam o uso desse espaço, notadamente as favoráveis ao setor imobiliário, aliada aos poderes públicos locais, geralmente omissos frente às pressões, que não conseguem ou não querem impor efetivamente normas urbanísticas e de controle ambiental (REIS, 2006).

Apesar de resultados insignificantes, um exemplo de resposta estadual às pressões da sociedade civil foi a instituição da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo, quando houve a implantação do Rododanel. Reconhecida pela UNESCO em 1993 como

parte da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, mas com identidade própria dada as peculiaridades do entorno de uma das maiores metrópoles do mundo, ela envolve 73 municípios, mais de 1,7 milhão de ha, sendo 1/3 com vegetação, e 23 milhões de habitantes. Como unidade de conservação, sua gestão está a cargo da Secretaria Estadual de Meio Ambiente por meio de um Conselho Gestor, do qual o Instituto Florestal responde pela secretaria executiva (RIBEIRO, 2009).

A infraestrutura existente para atender as áreas ao redor das RMs do Estado de São Paulo permite que mesmo os municípios que não fazem parte formal destas RMs usufruam de benefícios como possibilitar a movimentação pendular da população, que pode trabalhar em cidades próximas e retornar ao local de moradia diariamente (ROCA, 2006).

Devido a essas facilidades nessas regiões, assim como ocorreu em diversas regiões europeias, os municípios vêm passando por um processo de urbanização que, aliado ao desenvolvimento dos meios de comunicação, está levando à mudanças expressivas na sua ocupação, como a formação de áreas de transição entre o rural e o urbano e, conseqüentemente, a emergência de novas relações que reorganizam esse espaço.

No Brasil, recentemente, tem sido realizados estudos de casos locais ou regionais para avaliar este espaço. Há um esforço no sentido de realizar diagnósticos da realidade de cada região, destacando a particularidade das áreas periurbanas. Apesar dos estudos se referirem a várias regiões do País, com particularidades sociais, econômicas e culturais, há quase unanimidade entre eles de que nos planejamentos prevalece uma dicotomia entre o rural e o urbano e estas áreas continuam sem instrumentais de gestão por parte das organizações públicas (MIRANDA, 2009; ARRAES; VIEGAS, 2008; NORONHA; HESPANHOL, 2009).

Esse processo ocorre, sobretudo, nas regiões metropolitanas e nas áreas circunvizinhas. Além da procura por moradia, a maior demanda por atividades não agrícolas, principalmente a prestação de serviços, assim como a revalorização do meio ambiente e da natureza, são fenômenos que estão dando nova dinâmica a este meio rural.

As mudanças ganham força, entre outros fatores, pela crescente diminuição da renda agrícola que possibilita a emergência de políticas

mais amplas e pluralísticas relacionadas ao uso do espaço rural. Neste espaço multifuncional é cada vez maior a proporção de trabalhadores não agrícolas que residem no meio rural e este, além da função de produção de alimentos e matérias-primas, também se constitui em um lugar de moradia, de lazer, de identidade cultural e de relação com a natureza.

Nestas áreas próximas às grandes metrópoles os agricultores familiares convivem tanto com as novas pressões como também com as novas oportunidades. Isso ocorre porque eles têm acesso à informações, à educação e ao mercado de trabalho regional, tendo maiores possibilidades de atuar em outros setores da economia.

As vantagens relativas do emprego urbano (registro, previdência, etc.), a queda da renda agrícola e/ou a incorporação de novas tecnologias poupadoras de trabalho fazem com que os produtores familiares se desdobrem para atuar em várias atividades não agrícolas, nos setores industrial ou de serviços. Estas rendas, somadas à obtida na atividade agrícola, formam a renda familiar. Esta composição do trabalho constitui a pluriatividade familiar e representa uma alternativa possível de estratégia de reprodução social neste espaço rural.

Para Schneider (2001),

A pluriatividade é uma estratégia de reprodução social, da qual os agricultores que operam fundamentalmente com base no trabalho da família fazem uso em contextos onde sua integração à divisão social do trabalho não decorre exclusivamente dos resultados da produção agrícola mas, sobretudo, mediante o recurso às atividades não agrícolas e a articulação com o mercado de trabalho.

Assim, a atividade agrícola, em especial a visão convencional que associa o espaço rural às funções estritamente produtivas e vinculadas exclusivamente à produção de alimentos e matérias-primas, é suplantada, sobretudo com a crescente importância das atividades não agrícolas e a pluriatividade (SCHNEIDER, 2003).

São inúmeras as possibilidades de combinar as atividades para complementar a renda familiar. No entanto, Carneiro (2005) coloca que o uso do termo é pertinente em algumas circunstâncias específicas, como em locais onde há maior articulação entre os mercados de trabalho, mas que deve se restringir a algumas situações como as decorrentes da crise da modernização da agricultura e de ampliação de alternati-

vas de emprego ou ocupação oriundas do estreitamento das relações campo-cidade. A combinação de fatores externos e internos à dinâmica familiar, que darão sentido e significado ao recurso das práticas não agrícolas, pode se transformar em estratégia de reprodução social das famílias, o que pode indicar uma nova forma de realização da agricultura familiar.

A pluriatividade trata de um fenômeno que pressupõe a combinação de duas ou mais atividades, sendo uma delas a agricultura, e a interação entre atividades agrícolas e não agrícolas tende a ser mais intensa na medida em que mais complexas e diversificadas forem as relações entre os agricultores e o ambiente social e econômico em que estiverem inseridos (SCHNEIDER, 2001; 2003; 2006).

Uma vasta literatura se produziu para debater o impacto das novas transformações do meio rural na identidade dos agricultores. No entanto, Vilela (1999), Wanderley (2001), Carneiro (2005) e Schneider (2006) colocam como uma necessidade para o desenvolvimento do debate do tema a realização de estudos empíricos que mostrem a diversidade das novas configurações em cada espaço e as lógicas de reprodução social dos grupos familiares em diferentes contextos históricos e sociais.

3 - JUNDIAÍ E A VITIVINICULTURA ARTESANAL PERIURBANA

O Estado de São Paulo, apesar de ser o maior centro consumidor de vinho do País, tem participação pouco relevante na sua produção industrial (SILVA; VERDI; FRANCISCO, 2007). Destaca-se, no entanto, por concentrar o processo de envasamento do vinho, elaborado principalmente no sul do País.

Os vinhos mais consumidos em São Paulo e no Brasil são do tipo comum, de mesa⁴, assim denominados em contraposição aos vinhos finos. O vinho de mesa assume várias denominações, conforme o Estado: no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina é conhecido como vinho colonial e em Jundiaí e região como vinho

⁴Segundo a Lei n. 10.970, de 12 de novembro de 2004, o vinho de mesa pode ter teor alcoólico de 8,6 a 14% em volume, podendo conter até uma atmosfera de pressão a 20°C. O vinho de mesa de uvas americanas é aquele elaborado com uvas do grupo das uvas americanas e/ou híbridas, podendo conter vinhos de variedades *Vitis vinifera*.

artesanal⁵.

Em São Paulo vem ocorrendo uma rearticulação do setor vinícola buscando parcerias e recursos, tanto para promover a incipiente produção de uva para a indústria do Estado quanto para desenvolver a viticultura artesanal ligada ao turismo, visando destacar as regiões produtoras e ressaltar as qualidades dos vinhos locais paulistas.

Jundiaí e região têm, a princípio, as bases para o desenvolvimento da viticultura artesanal ligada ao turismo. Todavia, a preservação deste espaço e a sustentabilidade dos produtores estão associadas à agregação de valor ao produto local para fazer frente à elevação do preço das terras. Uma possibilidade já em curso é o desenvolvimento do turismo rural aproveitando a vantagem da proximidade das regiões metropolitanas de São Paulo e Campinas.

Porém, uma das dificuldades para o início do trabalho é a falta de conhecimento e de informações consolidadas e consistentes sobre o setor em São Paulo. Esta ausência de informações se agrava, mais especificamente, em relação à viticultura artesanal, devido à grande informalidade do setor.

A produção artesanal, por sua vez, tem como característica marcante a inserção ativa dos produtores em toda a cadeia de produção, no cultivo da uva, na elaboração do vinho e na venda na propriedade. Em Jundiaí, mesmo entre os viticultores comerciais que rotulam seu produto como artesanal, não há uma padronização do produto, mas os elementos mais citados por eles sobre o que sugerem ser o vinho artesanal traduzem uma combinação de fatores, tais como: o vinho elaborado pela família do produtor, o predomínio de uvas próprias, a vinificação em pequenos volumes e o vinho que é vendido na propriedade. Neste trabalho, todos os produtores de vinho que o elaboram e o comercializam em sua propriedade e se autodenominam artesanais foram assim considerados.

4 - METODOLOGIA

Apesar da importância social e cultural dos vitivinicultores de Jundiaí, as séries estatísticas sobre este segmento produtivo, principalmen-

te aquelas relacionadas à produção de vinho artesanal, são bastante precárias e pontuais, uma vez que grande parte dessa produção é informal (VERDI et al., 2007).

Para atender os objetivos deste trabalho, utilizou-se os dados do censo vitivinícola realizado no projeto “Revitalização da Vitivinicultura Paulista: competitividade, governança e sustentabilidade”, do qual este trabalho faz parte. Os dados do censo para o ano agrícola de 2007/08 permitiram contextualizar e delimitar o universo dos vitivinicultores artesanais comerciais, bem como delinear o perfil sócio-econômico e as características dos seus sistemas de produção.

O censo empregou o método quantitativo com o levantamento das propriedades vitícolas, o que possibilitou reconhecer o universo de produtores de uva atuantes no setor. Posteriormente, outro formulário dirigido à atividade vinícola foi aplicado. Dentre os dados obtidos no censo utilizados neste trabalho, destaca-se: a) sobre o sistema de produção de uva: o tamanho das propriedades, a área dedicada à produção, a quantidade e variedades produzidas; b) sobre o sistema de produção de vinho: a origem da uva, a quantidade produzida de vinho, o envolvimento de outros membros da família na produção, o local de comercialização e o nível tecnológico; c) sobre o perfil sócio-econômico: a idade do proprietário, o nível de escolaridade, o vínculo com associações/cooperativas e há quanto tempo dedica-se a atividade vitivinícola.

Reconhecido o segmento vitivinícola artesanal comercial, foi realizada entrevista específica com 85% deles na qual se buscou identificar a importância da vitivinicultura para a reprodução social da família, as fontes que compõem a renda do proprietário e as motivações e expectativas em continuar na atividade.

As informações obtidas nestas entrevistas permitiram pressupor um agrupamento dos produtores em três tipos, conforme suas perspectivas e estratégias de reprodução. Para isso, dois recortes foram adotados. No primeiro, buscou-se separar os produtores que não tinham perspectivas em continuar na atividade - chamados pessimistas - daqueles que viam um futuro promissor nela - chamados otimistas. No segundo, dentre os “otimistas”, buscou-se separar aqueles que concentravam sua fonte de renda em atividades na propriedade (uva, vinho e derivados) daqueles em que a vitivinicultura cumpre um papel complementar na renda do proprietário.

⁵É importante ressaltar que para os órgãos que regulam a elaboração e comercialização do vinho as denominações vinho colonial ou artesanal não existem.

5 - RESULTADOS E DISCUSSÕES: a pesquisa em Jundiaí

5.1 - Contextualização da Vitivinicultura de Jundiaí e Delimitação do Grupo de Estudo: unidades vitivinícolas artesanais comerciais

Segundo o censo vitivinícola levantado no projeto FAPESP, o município de Jundiaí tinha no ano agrícola de 2007/08 um total de 284 Unidades Produtivas (UPs) que cultivavam 730,56 ha de uvas. De acordo com declarações dos produtores e lideranças técnicas locais, houve uma significativa redução de UPs e de áreas ocupadas com a viticultura nos últimos anos. As razões alegadas para isso são a falta de estímulos, devido à queda dos preços da uva, a falta de mão-de-obra especializada e a forte pressão da expansão urbana (VERDI et al., 2009).

Dado o processo histórico de ocupação com intenso fracionamento de terra, a grande maioria dos vitivinicultores ocupa pequena extensão de terras. Quase a totalidade (90,1%) das UPs é composta por propriedades de 0,1 a 20 ha, ressaltando-se que a metade é formada por áreas entre 0,1 a 5 ha. Vale destacar que as 256 UPs dos estratos predominantes, de 0,1 a 20 ha, ocupam 54,3% da área total cultivada com uvas.

O levantamento mostra que a uva Niagara, destinada ao consumo *in natura*, é cultivada em quase todas as UPs (98,59%) pesquisadas do município, praticamente como a única variedade. As ocorrências de outros tipos são, principalmente, de variedade para vinho, Corbina, Isabel, Bordô, Máximo e Moscatel (VERDI et al., 2009).

A pesquisa levantou, dentre as 284 UPs que cultivam uvas em Jundiaí, a existência de 92 que também produzem vinho. Somam-se a elas mais três unidades produtoras de vinho que, ao contrário dos demais vinicultores, não plantam uvas no local. Estes compram as uvas de terceiros ou as plantam em outras regiões e, junto com os demais, totalizam 95 produtores de vinho no município. Deste total, 60 dizem que elaboram a bebida para o consumo da família e para presentear amigos e vizinhos, enquanto 35 declaram comercializar o vinho artesanal (Tabela 1).

O conjunto dos produtores do município elaborou, em 2007-08, 337.660 l de vinho, sendo que 94,6% desse volume foram comercializados.

5.2 - Caracterização das Unidades Vitivinícolas Artesanais Comerciais de Jundiaí: aspectos produtivos e perfil sócio-econômico dos produtores

Uma característica do vinho artesanal de Jundiaí é a expressiva utilização de uvas próprias e da variedade Niagara na composição do vinho. É relevante, no entanto, dentre as frutas obtidas de terceiros, o uso da Bordô adquirida no Rio Grande do Sul. Os vinicultores declaram que este cultivar é de difícil manejo e é pouco produtiva em São Paulo. Portanto, as uvas gaúchas ainda são mais baratas, mesmo com o custo do frete. Segundo os produtores, a Bordô é essencial para dar cor ao produto e é das mais apreciadas pelos consumidores do vinho artesanal.

A permissão da venda do vinho só pode ser realizada com o registro da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), que é o órgão do MAPA que regulamenta e fiscaliza o estabelecimento. Segundo o censo, apenas dois produtores afirmam possuir o registro. Deste modo, todos os demais praticam o comércio informal do vinho artesanal.

Do universo dos vinicultores pesquisados que comercializam verifica-se que uma parcela importante produz pequena quantidade de vinho por ano. Mais da metade deles (60%) produz menos de 5 mil litros anuais. Este grupo participa com 13,1% da produção total de vinho. Em contrapartida, os demais 40% elaboram 86,6% da produção total, sendo que 17,1% deles são responsáveis por mais da metade (59,6%).

O censo mostra que o vinho artesanal no município é elaborado em diferentes escalas de produção e cada vinicultor preservou a sua própria receita, sendo que o vinho é comercializado tendo como referência o nome da família. Este produto final, em geral, tem deficiências quanto aos padrões de qualidade e os parâmetros sanitários exigidos pelos órgãos que normatizam a produção e a comercialização de bebidas no País. Para atingir o padrão necessário e tomar a atividade legal, o produtor necessita de novos equipamentos, tecnologia e instalações adequadas, o que implica não só em dispor de recursos para investimentos, mas também de mudança na forma tradicional de elaborar e comercializar o seu produto.

O cultivo da uva e elaboração do vinho faz parte da história dos produtores jundiaenses.

TABELA 1 - Produção de Vinho Artesanal em Jundiá, 2007-08

Produtores	Produtor		Produção	
	n.	%	l	%
Comercializam	35	36,8	319.414	94,6
Consumo próprio	60	63,2	18.246	5,4
Total	95	100,0	337.660	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre os produtores comerciais, 62,9% das famílias produzem há mais de 20 anos, sendo que 45,8% deles estão na atividade há mais de 40 anos. Assim, há uma parcela representativa do universo pesquisado que produz nos moldes tradicionais, constituindo um dos traços mais marcantes do produtor do município, mas há também um grupo menor de produtores (25,7%) cujo envolvimento com a vitivinicultura é mais recente, já que está há menos de dez anos na atividade.

Outro dado do censo que reforça uma marcante característica do grupo que elabora vinho comercial é a expressiva predominância dos mais velhos, os quais são proprietários e responsáveis pela atividade. O censo detectou que 77,2% deles têm mais de 50 anos, sendo que as entrevistas finais da pesquisa evidenciaram que sua faixa etária ultrapassa os 70 anos.

Além do apego à tradicional atividade, um fator que reforça a atração dos produtores para continuar na terra de origem é o fácil acesso às escolas, hospitais e outros serviços, assim como às infraestruturas fomentadas pela expansão urbana no setor rural como luz, água encanada, asfalto, transporte, etc.

Estas características explicam, em parte, as razões da perseverança na elaboração do vinho que está com frequência associada a fatores afetivos, como mencionado pela maioria dos produtores. Quando indagados sobre as razões de continuar na atividade, os principais motivos alegados em respostas não necessariamente exclusivas são para seguir a tradição (68,6%) e/ou por prazer e por *hobby* (42,9%). Quanto à renda, 28% a mencionaram como fator de estímulo para a prática da viticultura, sendo que 11,4% a destacaram como único fator.

No entanto, mesmo que a tradição e o prazer de produzir vinho artesanal nos moldes tradicionais predominem, a transmissão do patrimônio cultural e da elaboração de vinho para as outras gerações deve ser considerada, dada a idade média dos produtores. Neste quesito, os

produtores declararam que em 37,1% das famílias os filhos trabalham com os pais, mantendo suas tradições.

É comum declarações de proprietários que afirmam trabalhar sozinho ou contar simplesmente com a ajuda do trabalho da esposa, fato que ocorre em 63,6% do universo pesquisado que tem apenas de um a dois familiares de proprietários na lida rotineira na unidade produtiva.

Segundo dados do censo, quase a totalidade da comercialização do vinho artesanal ocorre nas propriedades. Somente dois vitivinicultores vendem pequena parte no atacado e/ou em outros municípios.

Como apresentado, a tradição cultural é fator importante de explicação da longevidade da atividade vitivinícola em Jundiá. Mas, outro aspecto que deve ser considerado é o seu peso relativo na composição da renda familiar. Além da vitivinicultura, os produtores compõem a renda de variadas formas, com diferentes graus de importância. A mais frequente, devido à idade média dos agricultores, é a aposentadoria, que ocorre em mais da metade dos casos (57,1%), seguida da diversificação das atividades agropecuárias, em 40%, e do trabalho urbano, em 28,6%. A tabela 2 apresenta a distribuição das fontes que compõem a renda dos vitivinicultores, por meio de respostas múltiplas.

Além do cultivo da uva e da elaboração do vinho, os produtores têm mais uma ou duas fontes adicionais de renda, como pode ser visto na tabela 3. Somente três produtores têm o cultivo da uva e a elaboração do vinho como únicas fontes de renda.

A prática da agricultura familiar, inserida numa região metropolitana, tem como peculiaridade a composição da renda familiar com atividades complementares. No caso de Jundiá, além da produção de uva e do vinho, os produtores contam principalmente com recursos da aposentadoria, de outras atividades agrícolas e do trabalho urbano. As estratégias adotadas por estes produtores privilegiam as ações dentro das

TABELA 2 - Composição de Renda, Jundiaí, 2007-08

Fonte de renda	N. de vinicultores	%
Agropecuária	14	40
Aposentadoria	20	57,1
Urbana	10	28,6
Sem resposta	2	5,7
Vitivinicultura	35	100

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 3 - Fontes de Renda dos Vitivinicultores, Jundiaí, 2007-08

Alternativa de renda	N. de vinicultores	%
Vitivinicultura	3	8,6
Vitivinicultura + 1 fonte	19	54,3
Vitivinicultura + 2 fontes	12	34,3
Sem resposta	1	5,7
Total	35	100

Fonte: Dados da pesquisa.

respectivas unidades produtivas.

A partir deste diagnóstico da estrutura sócio-econômica e produtiva da vitivinicultura de Jundiaí, verificou-se que a forte identificação cultural com a produção da uva e a elaboração do vinho, aliada a variadas formas de composição de renda da família, compõem as estratégias de reprodução social utilizadas pelos atuais responsáveis das UPs pesquisadas, o que possibilita a persistência da atividade no município.

5.3 - Tipos de Perspectivas e Estratégias de Reprodução dos Vitivinicultores Artesanais Comerciais

Diante das ameaças e oportunidades propiciadas pelo ambiente periurbano em que os vitivinicultores realizam sua produção e comercializam seu produto, cada um, considerando seus interesses e possibilidades, desenvolveu distintas perspectivas e estratégias de reprodução. Os dados levantados no censo e nas entrevistas permitiram, grosso modo, criar grupos com perspectivas e estratégias semelhantes, os quais podem ser utilizados para o estabelecimento de ações que promovam seu desenvolvimento.

Na tabela 4 são apresentados os diferentes tipos de vinicultores artesanais presentes em Jundiaí e, em seguida, as suas principais características.

5.3.1 - Produtor tradicional com perspectivas pessimistas

Este grupo é composto por produtores tradicionais na elaboração do vinho. A maioria tem entre 70 e 80 anos. As adegas deste grupo foram montadas entre 1948 e 2003. Todos têm forte ligação e dependência com a atividade agrícola, principalmente viticultura. O vinho é elaborado da forma mais tradicional e as condições de produção são muitas vezes rudimentares.

Este grupo se caracteriza pela combinação entre idade mais avançada e a falta de mão-de-obra para tocar as atividades. Estes produtores não têm a participação atuante dos filhos, mesmo os que residem na propriedade, pois estão inseridos em outras profissões, seja no setor de serviços ou na indústria. A falta de mão-de-obra é uma restrição impeditiva para melhorar ou aumentar as atividades. Geralmente trabalham somente com a esposa.

Apenas dois dos produtores são associados à cooperativa de vinicultores artesanais (AVA) e, com a queda na rentabilidade, acham pouco provável que consigam realizar as adequações necessárias para regularizar sua atividade. Os demais, inclusive os dois mais jovens, acreditam que por produzirem pouco não vale a pena investir e nem procurar a regularização. Os mais idosos alegam estar cansado e ter dificuldades para tocar os trabalhos e persistir para dar

TABELA 4 - Tipo de Vinicultor Artesanal Comercial, Jundiaí, 2007-08

Vinicultor	Vinicultor		Produção	
	n.	%	l	%
Tradicionais	7	20,0	14.700	4,6
Tradicionais-modernos	13	37,1	129.200	40,4
Modernos	9	25,7	124.150	38,9
Sem entrevista	6	17,1	51.364	16,1
Total	35	100,0	319.414	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

continuidade à tradição e ao consumo familiar.

Este grupo não está realizando adequações na estrutura ou no manejo e não se interessam, nas atuais condições, em formalizar a atividade. A maior parte deste grupo está classificada no nível tecnológico fraco.

5.3.2 - Produtor tradicional-moderno com perspectivas otimistas

Este grupo é formado pelos vinicultores que herdaram o conhecimento e a adega dos antepassados e pelos que iniciaram a atividade entre a década de 1970 e 2000. A adega mais antiga remonta a 1935 e a mais recente é de 2004. Todos têm em comum a forte ligação da família com a atividade agrícola e com a produção de uva cuja destinação é a comercialização para consumo de mesa e/ou para fazer o vinho.

A maior parte dos proprietários das unidades produtivas tem mais de 65 anos e são atuantes. Eles têm forte presença na gestão da elaboração do vinho, baseados no conhecimento familiar, e utilizam, principalmente, uvas próprias e o trabalho familiar.

O que distingue este grupo dos demais é a importante presença dos filhos atuando junto aos pais mais idosos. Isto ocorre mesmo quando os filhos têm emprego fora do setor agrícola. Acontecem também os casos, em menor proporção, dos que abriam adega de forma independente dos pais, mas também vivenciaram a elaboração do vinho com os mais velhos e usam a uva que os pais ainda cultivam.

Os filhos, que em geral moram na UP com os pais, procuram não só fazer cursos sobre enologia como também se atualizar sobre a legislação que rege o setor. Baseados nos novos conhecimentos, eles procuram executar as mudanças necessárias nas antigas estruturas e realizar adaptações aos antigos costumes e manejos.

Também estão empenhados em melhorar a qualidade do vinho submetendo-o à análise e acompanhamento de especialistas. Esta é uma ação negociada com os pais que nem sempre concordam com as alterações requeridas. Com o trabalho da família, eles conseguem tocar a vitivinicultura e os filhos têm interesse em investir na atividade. Este é o grupo com maior participação relativa na AVA que está ajustando as antigas adegas aos requisitos legais e, ao mesmo tempo, está procurando preservar a memória do espaço em que os antepassados deram início às atividades. É interessante notar que quando indagados sobre porque ainda continuam na atividade vinícola, todos os proprietários que têm adega desde o século passado alegam ser por tradição e/ou prazer, enquanto que os vinicultores mais recentes têm a obtenção de renda como fator principal. Mais da metade dos produtores são associados à cooperativa dos vinicultores para regularizar o comércio do vinho.

A composição de renda da família é basicamente originária da unidade produtiva, da uva de mesa comercializada com intermediários, do comércio do vinho na propriedade ou também de outros produtos como sucos, embutidos, geleias, outras frutas, etc. Dada a idade avançada de grande parte do grupo, a aposentadoria também ajuda a compor a renda da família.

Este grupo pode ser considerado “pluriativo” para-agrícola ou agroindústrias rurais familiares pois dependem da atividade agrícola e da transformação dos produtos, com venda no local, mesmo que alguns obtenham renda com aluguel de espaço para torres de telefone móvel, serviços como frete esporádico e recebam auxílio eventual dos filhos.

Ainda que relatem as dificuldades de continuar na atividade, este grupo foi caracterizado como tradicional de perspectivas otimistas por perceberem a atividade como promissora. Desenvolveram uma série de mudanças na antiga estrutura e manejo do vinho para montar a infra-

estrutura necessária com intuito de aumentar a produção, participar das divulgações e atrair turistas para a sua propriedade.

A maioria deles foi classificada comparativamente no nível tecnológico médio.

5.3.3 - Pluriativos otimistas

Este grupo de vinicultores se distingue dos demais por não ter a atividade agrícola como fonte de renda importante e por constituir um grupo internamente mais heterogêneo. Em comum, eles têm a origem de cultura e tradição italiana e a viticultura administrada como um negócio promissor. A maioria deles tem atividade principal no setor urbano ou mantém comércio no bairro, como restaurante ou adegas.

Estes produtores estão há menos tempo na atividade e atuam somente em alguns períodos, principalmente nos finais de semana. Em geral, fizeram cursos de elaboração de vinho e já começaram a produção seguindo as práticas recomendadas para alcançar o padrão exigido pelo MAPA. Alguns encaram a atividade como *hobby* e comercializam o vinho para pagar os custos, enquanto outros consideram a viticultura como um negócio a se investir. No entanto, todos afirmam que, se houver maior demanda de vinho, têm condições e desejam melhorar e aumentar a produção.

Neste grupo observa-se a pluriatividade intersetorial, pois transitam entre a agricultura e os outros setores da economia. São profissionais de maior escolaridade. Apesar de dispor de fonte de renda externa à propriedade, em momentos de pico de atividade como a colheita da uva e a elaboração do vinho, em geral, todos os familiares participam das empreitadas.

Este grupo apresenta produtores de nível tecnológico médio, mas se destaca por ser composto pela quase totalidade de vinicultores de bom nível tecnológico.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A periurbanização das áreas rurais onde estão implantadas as unidades de produção de uva e vinho e as alterações de papel destas unidades na dinâmica da cadeia vitivinícola são mudanças que têm pressionado os tradicionais vitivinicultores de Jundiaí e região a adequarem suas ações, que decorrem das perspectivas que estes produ-

res vislumbram para sua reprodução. Com o objetivo de tipificar estes produtores quanto a estas perspectivas e suas estratégias, o trabalho pressupôs que o primeiro corte deveria distingui-los entre aquelas unidades em que os proprietários têm boas ou más perspectivas para a atividade, refletindo nas intenções de investir ou não em seu desenvolvimento. O segundo corte deveria, dentre os de boas perspectivas, distingui-los pelo papel da atividade em suas estratégias de reprodução.

A expansão urbana, sob forma dispersa ou não, não é percebida pelos produtores como uma ameaça, apesar da preocupação com os possíveis problemas advindos da convivência com os novos moradores. Ela é vista mais como uma oportunidade para melhorar os negócios ou mesmo, quando a pressão imobiliária é muito grande, para lucrar com a venda das terras valorizadas e investir em locais de terra mais barata. Dentre os vinicultores pesquisados, quase a totalidade afirma resistir na atividade e residir na UP para usufruir de maior qualidade de vida com toda a família, com a vantagem de ter toda a infraestrutura urbana, segundo eles, “na porta”.

Pode-se observar que as diferentes estratégias adotadas pelos vitivinicultores levaram à constituição nos dias atuais de três grupos distintos, dentre os que comercializam o vinho. O fator mais importante de diferenciação decorreu do grau e da forma de participação dos filhos nas atividades familiares.

Apesar das dificuldades, os produtores tradicionais-modernos otimistas e os pluriativos otimistas são os que têm maior potencial de continuar na atividade vitivinícola pois conseguem aproveitar as vantagens de estar próximo às regiões metropolitanas, quer seja na obtenção de outra fonte de renda em outros setores da economia, quer seja buscando promover as condições para o crescimento de um mercado de vinho artesanal ligado às atividades de turismo rural e cultural.

Coerente com as perspectivas e as estratégias de reprodução destes dois grupos, as demandas sobre as políticas públicas abordam: no nível municipal, a melhoria e manutenção da infraestrutura viária e a promoção da atividade do turismo rural por meio da divulgação e da sinalização, indicando as vinícolas; no nível estadual, ações de desenvolvimento do turismo rural regional, voltado para o enoturismo e gastronomia; e no nível federal, maior flexibilidade das normas que regem a formalização da atividade e o comércio de bebida.

LITERATURA CITADA

ABRAMOVAY, R. **Dilemas da União Européia na reforma da Política Agrícola Comum**. 1999, 131 p. Tese (Livro Docência em Economia) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

ARRAES, N. A. M.; VIEGAS, H. A. **Dispersão urbana sobre áreas rurais no município de Campinas**, 2008, 16 p. Mimeografado.

CARNEIRO, M. J. Pluriatividade da agricultura no Brasil: uma reflexão crítica. In: SEMINÁRIO AGRICULTURA FAMILIAR E DESENVOLVIMENTO RURAL, 1., Rio de Janeiro, 2005. **Anais...** Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 2005. p. 1-25. Disponível em: <www.cifers.15.com.br>. Acesso em: 11 nov. 2005.

FLEURY, A. L'agriculture dans la planification de l'Ile-de-France: du vide urbain à la multifonctionnalité territoriale. **Les cahiers de la Multifonctionnalité**, n. 8, p. 33-46, mai. 2005. Disponível em: <<http://www.inra.fr/sed/multifonction/textes/CAHIERMF8.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2006.

MIRANDA, L. **Dinâmica urbana e planejamento em áreas de transição rural-urbana**: o caso da Região Metropolitana do Recife, Pernambuco (Brasil). 15 p. Disponível em: <http://egal2009.easyplanners.info/area05/5371_Miranda_Livia.pdf>. Acesso em: 03 out. 2009.

NORONHA, E. O.; HESPANHOL, R. A. M. O espaço periurbano no Município de Jundiaí - SP: características e tendências atuais. **Revista Formação**, n. 15, v. 1, p. 85-96. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/7_noronha.pdf>. Acesso em: dez. 2009.

REIS, N. G. **Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano**. São Paulo: Via das Artes, 2006.

RIBEIRO, W. C. Governança da reserva da biosfera do cinturão verde da cidade de São Paulo. **Revista Mercator**, Fortaleza, v. 8, n. 16, p. 1-14, 2009. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/307/23>>. Acesso em: jan. 2010.

ROCA, M. N. O. **Migrações internas e circulação da população**: o caso da região de Lisboa e Vale do Tejo. Disponível em: <<http://apdemografia.pt/pdf/ROCA.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2006.

SCHNEIDER, S. A pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar no Sul do Brasil. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 164-184, 2001.

_____. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 99-121, 2003.

_____. Políticas públicas, pluriatividade e desenvolvimento rural no Brasil. VII CONGRESSO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGIA RURAL, 7., Quito, 2006. **Anais...** Quito, ALASRU, 2006. Disponível em: <<http://www.alasru.org/cdaldasru2006/21%20GT%20Schneider-Sergio.pdf>>. Acesso em: out. 2007.

SILVA, P. R.; VERDI, A. R.; FRANCISCO, V. L. F. dos S. Panorama de viticultura brasileira. **Análises e Indicadores do Agronegócio**, São Paulo, v. 2, n. 4, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=8929>>. Acesso em: abr. 2007.

VERDI et al. **Revitalização da cadeia vitícola paulista**: competitividade, governança e sustentabilidade. São Paulo: FAPESP, 2007. (Relatório FAPESP). Mimeografado.

VERDI et al. Desenvolvimento territorial da aglomeração vitivinícola de Jundiaí: quais recursos usar? In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 47., Porto Alegre, 2009. *Anais...* Brasília: SOBER, 2009.

VILELA, S. L. O. **Globalização e emergência de múltiplas ruralidades**: reprodução social de agricultores via produtos para nichos de mercado. 1999. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 1999.

WANDERLEY, M. N. B. A ruralidade no Brasil moderno; por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACCA, N. **¿Una nueva ruralidad en América Latina?** Buenos Aires: CLACSO, 2001. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>>. Acesso em: jul. 2006.

ESTRATÉGIA DE REPRODUÇÃO SOCIAL EM ÁREAS PERIURBANAS: os produtores de vinho artesanal em Jundiaí

RESUMO: *Transformações recentes que envolvem a produção de uva e vinho em São Paulo vêm estimulando uma articulação dos produtores para formulação de políticas públicas que promovam a revitalização da vitivinicultura no Estado. Um dos problemas identificados foi a falta de informações consolidadas, do que decorre a necessidade de um diagnóstico sócio-econômico e produtivo do setor. Buscando preencher parte desta lacuna, esta pesquisa teve como principal objetivo traçar o perfil dos vitivinicultores artesanais de Jundiaí e definir uma tipologia, além de avaliar as perspectivas de sua continuidade como atividade importante para a reprodução social destes agricultores familiares. Por localizarem-se próximos às duas maiores metrópoles de São Paulo, os agricultores familiares de Jundiaí estão estabelecidos em área de forte transformação do setor rural, com múltiplas formas de ocupação, característica de conformações de espaço periurbano. Além da produção, a propriedade rural é também área de moradia, condição esta facilitada pela infraestrutura disponível na região. A proximidade às metrópoles favorece a inserção ao mercado de trabalho regional e a comercialização dos produtos - agrícolas e não agrícolas - elaborados pelos produtores.*

Palavra-chave: *pluriatividade, espaço periurbano, produtor de uva e vinho, agricultor familiar.*

SOCIAL REPRODUCTION STRATEGY IN PERIURBAN AREAS: Jundiaí's artisanal wine producers

ABSTRACT: *Recent changes in Sao Paulo's vitivincultural sector are stimulating producers to come together to promote the construction of public policies to revitalize this economic activity in the state. One of the main bottlenecks observed was the lack of consolidated information, which shows the need for a productive and socio-economic diagnosis of the sector. This study aims to fill this gap by tracing a profile of both the artisanal wine producers of the Jundiaí region and the prospects for vitivinculture as an important activity for the social reproduction of family farmers involved. Because they are placed close to the two largest metropolises of the state of São Paulo, Jundiaí's family farmers are established in areas with a rapidly changing rural sector, showing multiple ways of occupation, a characteristic of periurban space configurations. Besides allowing production, the rural property is also a living space, facilitated by the infrastructure available in the region. Proximity to metropolises also favors producers' insertion in the regional labor market and the marketing of their agricultural and non-agricultural products.*

Key-words: *pluriactivity, periurban space, grape and wine producer, family farmer.*

Recebido em 06/02/2010. Liberado para publicação em 18/02/2010.